



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**RAYANE PIRES DE FRANÇA**

**RUTH ROCHA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência a partir da narrativa *Marcelo, marmelo, martelo* com alunos da educação infantil**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2024**

**RAYANE PIRES DE FRANÇA**

**RUTH ROCHA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência a partir da narrativa *Marcelo, marmelo, martelo* com alunos da educação infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

**Área de concentração:** Literatura e Ensino

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F815r França, Rayane Pires de.

Ruth Rocha na sala de aula [manuscrito] : proposta de uma vivência a partir da narrativa Marcelo, marmelo, martelo com alunos da educação infantil / Rayane Pires de França. - 2024.  
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. narrativa infantil. 2. sala de aula. 3. vivência leitora. I.

Título

21. ed. CDD 372.4

**RUTH ROCHA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência a partir da narrativa *Marcelo, marmelo, martelo* com alunos da educação infantil**

**RAYANE PIRES DE FRANÇA**

Aprovada em: 27/06/2024

Vaneide Lima Silva

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vaneide Lima Silva  
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Jordânia Dantas Freire

Prof<sup>ª</sup>. Esp. Jordânia Dantas Freire  
Examinadora - UFCG

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira  
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2024

Dedico este trabalho a minha mãe, que é minha força, e ao *BTS*, que através das suas músicas me trouxeram conforto em todo decorrer do meu trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pelas providências vividas nesses últimos anos e por me proporcionar a alegria que é concluir essa minha etapa na faculdade.

À minha mãe, Rita Pires Fernandes, por ser essa mulher guerreira, batalhadora, que lutou por mim, me inspirou. Graças a ela, sou hoje essa pessoa forte, feliz e determinada. Obrigada pelos conselhos, os quais guardarei no meu coração para todo sempre.

Ao meu irmão Raylson Pires de França, que eu amo e na mesma medida nos desentendemos, fazendo nossa vida tão divertida.

Obrigada às minhas amigas, Mariana, Maria Beatriz, Vanessa, que viveram ao meu lado nessa trajetória universitária, me ajudando e compartilhando lembranças. Este ciclo ficará eternamente gravado em meu coração.

Obrigada ao BTS, por me ensinarem a não ter medo e ter esperança de um futuro melhor.

Sou grata, por fim, à minha orientadora, professora Vaneide Lima Silva, exemplo de profissionalismo, por todo apoio, incentivo por compartilhar essa experiência comigo e ter me aconselhado com dedicação e paciência.

“As histórias são uma ferramenta essencial para incentivar a criatividade e a imaginação nas crianças, permitindo que elas se tornem protagonistas de suas próprias aventuras.” – Neil Gaiman.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo propor uma análise da narrativa *Marcelo, marmelo, martelo*, publicada em 1976 por Ruth Rocha, para, em seguida, apresentar uma proposta de abordagem voltada para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, consideramos importante retomar algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando suas principais características e logo após apontar alguns elementos específicos da narrativa que costumam atrair a atenção de crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura deste gênero literário no desenvolvimento de leitores em formação. Também com base em estudos já realizados em torno da obra da autora, traçamos uma rápida apresentação da escritora. Por fim, comentamos a narrativa e sugerimos, após a análise, uma proposta de vivência leitora. Enquanto proposta de pesquisa, o trabalho se define como um estudo de caráter bibliográfico e se apoia teoricamente em trabalhos como os de Abramovich (1997), Cunha (2003), Palo et D'Oliveira (2003), Fonseca (2002), Silva (2009), dentre outros. Esperamos que estudos como este possibilitem o interesse dos professores do Ensino Fundamental pela obra de Ruth Rocha e da narrativa em geral, fazendo-os entender que a leitura em sala de aula pode e deve se configurar como uma atividade prazerosa e interativa. Além disso, consideramos o trabalho com a narrativa como de fundamental importância para a formação de leitores, sobretudo se explorada a partir de sua ludicidade. O resultado dessa narrativa foi explorar esse mundo da narrativa em sala de aula, possibilitando a construção de saberes e incentivando a leitura em meio social, bem como contribuir para estudos de desenvolvimento cognitivo da criança ao empregar o senso crítico e criativo das obras de Ruth Rocha. Para tanto, o professor deve acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, as histórias oferecem felicidade e estimulam a imaginação do aluno. Assim, ao encontrar meios de mostrar isso à criança, ela certamente irá se interessar e passar a buscar novos caminhos de leitura do texto literário.

**Palavras chaves:** Narrativa Infantil. Sala de aula. Vivência Leitora.

## ABSTRACT

This research aims to propose an analysis of the narrative *Marcelo, quince, hammer*, published in 1976 by Ruth Rocha, and then present a proposal for an approach aimed at students in the early years of Elementary School. To this end, we consider it important to revisit some considerations around the concept of narrative, highlighting its main characteristics and then pointing out some specific elements of the narrative that tend to attract the attention of children and young people, without failing to highlight the importance of reading this literary genre in the development of readers in training. Also based on studies already carried out around the author's work, we outline a quick presentation of the writer. Finally, we comment on the narrative and suggest, after analysis, a proposal for a reading experience. As a research proposal, the work is defined as a bibliographical study and is theoretically based on works such as those by Abramovich (1997), Cunha (2003), Palo et D'Oliveira (2003), Fonseca (2002), Silva (2009), among others. We hope that studies like this will make elementary school teachers interested in Ruth Rocha's work and narrative in general, making them understand that reading in the classroom can and should be a pleasant and interactive activity. Furthermore, we consider working with narrative to be of fundamental importance for the formation of readers, especially if explored based on its playfulness. The result of this narrative was to explore this world of narrative in the classroom, enabling the construction of knowledge and encouraging reading in a social environment, as well as contributing to studies of children's cognitive development by employing the critical and creative sense of Ruth Rocha's works. . To do so, the teacher must believe that in addition to informing, instructing or teaching, stories offer happiness and stimulate the student's imagination. Therefore, by finding ways to show this to the child, they will certainly become interested and start looking for new ways of reading the literary text.

**Keywords:** Children's Narrative. Classroom. Proposed Approach.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA PARA CRIANÇAS</b>	13
1.1 A narrativa para crianças e jovens: algumas especificidades	16
<b>2 SOBRE A OBRA DE RUTH ROCHA</b>	21
<b>3 RUTH ROCHA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência leitora com alunos da educação infantil a partir da narrativa Marcelo, marmelo, martelo</b>	25
3.1 Proposta de vivência leitora a ser realizada com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental	28
3.1.1 Primeiro momento: a pré-leitura	28
3.1.2 Segundo momento: a leitura do livro começa pela capa	28
3.1.3 Terceiro momento: a pós-leitura	29
3.1.4 Quarto momento: explorando o lúdico por meio da escrita e da criatividade	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	31
<b>REFERÊNCIAS</b>	33

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva analisar a narrativa *Marcelo, marmelo, martelo* (1999), de Ruth Rocha, para, em um segundo momento, propor uma abordagem voltada para crianças em fase de letramento. Partimos do pressuposto de que a literatura infantil contribui significativamente para a formação de leitores, desde que a leitura da obra literária seja abordada numa proposta lúdica, valorizando, assim, a especificidade da obra enquanto objeto estético. Além disso, acreditamos que quanto mais cedo a criança tiver contato com bons livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de ela tornar-se um adulto leitor que consiga se posicionar criticamente frente às questões da vida e compreenda seu papel na sociedade.

Inicialmente, ao cursar a disciplina Literatura Infanto Juvenil, ofertada no Curso de Letras, Campus IV da UEPB, período em que tivemos contato com a obra de Ruth Rocha, pensávamos, depois da leitura da obra, em realizar uma vivência leitora a partir da leitura desta narrativa com crianças da educação infantil, público do Ensino Fundamental inicial com o qual trabalhamos, mas, devido ao pouco tempo para o desenvolvimento da proposta, decidimos optar pela análise do livro, seguida da sugestão de uma proposta de abordagem que venha a ser aplicada posteriormente em sala de aula.

Trabalhos dessa natureza se fazem necessários, sobretudo quando constatamos que a procura da criança pela leitura não ocorre constantemente, principalmente na atualidade, quando sua atenção se volta frequentemente para outros meios de comunicação e entretenimento, fato que vem contribuindo para a diminuição do interesse pela leitura do texto literário. Desse modo, acreditamos que o trabalho com a leitura em sala de aula deve ser priorizado e desempenhado com estratégias que incentivem os alunos a se envolverem mais efetivamente com essa atividade. Para tanto, a orientação e a condução do professor acaba, sendo, muitas vezes ou praticamente, indispensável.

Embora a primeira edição seja de 1976, a narrativa de Ruth Rocha ainda traduz o comportamento da criança, que, curiosa por natureza, costuma questionar tudo que não entende, experiência típica dos pequenos em formação. O livro encanta pela maneira simples com que a autora apresenta situações do cotidiano de um modo todo especial, conforme evidenciamos na análise da obra.

Do ponto de vista de sua metodologia, o trabalho caracteriza-se como de base bibliográfica qualitativa. Desse modo, a pesquisa será fundamentada a partir de um

levantamento descritivo das análises aqui interpretadas e das relações da criança com o mundo literário, bem como também buscaremos apoio teórico em estudos essenciais como os de Abramovich (1997), Cunha (2003), Palo *et D'Oliveira* (2003), Fonseca (2002), dentre outros.

Quanto à organização do artigo, este encontra-se assim estruturado: no primeiro momento, retomamos algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando algumas de suas principais características. Em seguida procuramos apontar alguns elementos específicos da narrativa que costumam atrair a atenção de crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura deste gênero literário no desenvolvimento de leitores em formação.

O segundo momento é dedicado à apresentação de Ruth Rocha, no qual trazemos algumas considerações gerais em torno de sua obra, para, num terceiro momento, analisamos a narrativa *Marcelo, marmelo, martelo* (1999) e propor, em seguida, uma abordagem direcionada a alunos do ensino fundamental inicial, já que o livro se destina a leitores que estejam se iniciando na fase de letramento, dada a experiência vivenciada por seu protagonista.

Acreditamos que trabalhos como este podem contribuir para a divulgação da obra de Ruth Rocha, uma vez que seus textos tendem a favorecer o crescimento intelectual do aluno, sobretudo na fase inicial de sua formação, período em que se dá a construção de sua identidade. Neste aspecto, a escola tem papel relevante, pois pode trabalhar em sala de aula para auxiliar na formação de um cidadão crítico e, conseqüentemente, um leitor também crítico, reforçando valores dessa juventude e realizando um trabalho escola/família como meio importante de intermediação para que o processo de aprendizagem ocorra com eficácia.

Enfim, entendemos que é papel da escola proporcionar o encontro do texto literário com o leitor em formação, pois acreditamos que em contato com o estético a criança tenha, talvez, a única oportunidade de aguçar a sua imaginação, ter um momento de deleite poético, se pensarmos, sobretudo, nas crianças oriundas de famílias humildes, com pais sem vivência ou domínio de leitura. Isto posto, a Literatura deve estar frequentemente presente em sala de aula, sendo ela o ponto inicial em que apresenta às crianças um mundo repleto de sonhos, imaginações e fantasias. Daí a necessidade de sua abordagem em sala de aula.

## 1 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA PARA CRIANÇAS

Este tópico objetiva, num primeiro momento, retomar algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos específicos da narrativa que costumam atrair a atenção de crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura deste gênero literário no desenvolvimento de leitores em formação.

Acerca da narrativa em geral, podemos dizer que ouvir histórias parece ser princípio para o início da aprendizagem de um leitor, pois a leitura costuma possibilitar o percorrer de um caminho cheio de descobertas e compreensão de mundo. Nesta perspectiva, podemos afirmar que a leitura figura como atividade fundamental para a ampliação dos horizontes de expectativa, se pensarmos, sobretudo, na leitura do texto literário. Por isso a necessidade de sua exploração em sala de aula, já que ler e escrever constituem uma das principais funções da escola.

Tomando como ponto de partida a leitura do texto literário, acreditamos que esse tipo de leitura é uma forma de lazer que contribui para o conhecimento de uma forma prazerosa, mas também exige um grau maior de atenção e consciência, uma interação afetiva entre a obra e o receptor-leitor. Desse modo, se faz muito importante que a escola busque formas para desenvolver no aluno medidas ativas da atividade de leitura que possam enriquecê-lo como indivíduo crítico e criativo, tornando-o mais consciente e produtivo. Pelo menos é nessa linha de pensamento que compreendemos a abordagem da literatura em sala de aula, cabendo a nós, educadores, a mediação da atividade de leitura. Precisamos tomar o livro de literatura como um caminho importante para o trabalho e nos convenceremos de que quando a criança ouve ou lê uma história é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela.

Toda narrativa tem elementos fundamentais na sua composição, sendo os apontados pela crítica: Enredo, narrador, Personagens, Tempo e espaço. O enredo, como primeiro elemento, refere-se ao conjunto dos fatos de uma história favorecida através de estrutura e de ficcional, deve ser verossímil, ou seja, mesmos os fatos sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê, nessa credibilidade da organização lógica dos fatos dentro do enredo, que deve ter uma relação de causa e consequência. A estrutura do enredo centraliza em seu conflito, naquilo que movimenta a história.

Com base em Gancho (2003), vimos que o conflito é qualquer componente da história que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende atenção do leitor, assim, levando-se em consideração o conflito pode-se estruturar o enredo em: exposição, complicação, clímax e desfecho. Há ainda o enredo psicológico, destacado por serem fatos emocionais, que não são evidentes por não ser uma ação concreta.

Destacando a importância do narrador como elemento estruturador da história, a autora afirma que frente aos fatos narrados, este pode se apresentar em primeira pessoa, quando é narrador personagem e participa da história. Também em terceira pessoa, como narrador observador onisciente e onipresente. Sobre este último, Gancho (2003, p.20) afirma que "é o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto, seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador", assim, suas principais características são onisciência, ou seja, o narrador está ciente da história; diante disso, na onisciência do narrador observador, ocasionalmente, ele não apenas narra a história, como também narra os que os personagens sentem, pois tem total conhecimento dos seus atos e fatos.

As variantes de narrador em terceira pessoa é colocado como o narrador "intruso" nele o narrador faz o diálogo com o leitor ou que julga de modo direto o comportamento do personagem, ainda possui o narrador "parcial" que é quando o narrador se reconhece através de um personagem na história, mesmo não defendendo abertamente, permitindo então uma abertura no enredo. Primeira pessoa ou narrador personagem, conforme seja o personagem que narra a história faz uma conexão com o leitor

Trazemos o narrador testemunha e o narrador protagonista, o narrador testemunha normalmente não é um personagem principal, mas nele narra fatos dos quais envolveu mesmo assim sem quaisquer ênfase. O narrador protagonista é o narrador com o personagem principal, narrando todos os acontecimentos na visão dele, sendo assim, esse tipo narrador tem conhecimento privilegiado de toda a história e articula as informações do jeito que lhe convém, concluindo o pensamento de Gancho (2003, p. 22):

As variantes do narrador em primeira pessoa ou em terceira pessoa podem ser inúmeras, uma vez que cada autor cria um narrador diferente para cada obra. [...] O narrador não é autor, mas uma entidade de ficção [...] Uma criação

linguística do autor, e portanto só existe no texto. Numa análise de narrativa evita-se referir-se à vida pessoal do autor para justificar a postura do narrador; não se esqueça de que está lhe dando contexto de ficção (imaginação), no qual fica difícil definir os limites da realidade e da invenção

Há, ainda, os discursos na narração que se referem às várias possibilidades de que o narrador dispõe para registrar as falas das personagens. O discurso direto configura-se como um registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz, sem a interferência do narrador. Isso ocorre, na forma mais convencional, através de verbos de elocução, dois-pontos e travessão. Há variações desta forma feita por vários autores: outra forma é o uso de aspas no lugar do travessão.

Na narrativa, ainda segundo Gancho (2003), vimos também que o personagem é quem faz a ação interferindo no enredo, seja de forma direta ou indireta. Além disso, define-se pelas suas ações ou dizeres e a partir do julgamento que o narrador e os demais personagens fazem dele. Quanto ao papel desempenhado no enredo, o personagem pode ser: protagonista (herói e anti-herói); antagonista e secundário, podendo ser definido, portanto, como um ser fictício que é responsável pela estrutura do enredo da história, o qual pode ainda ser identificado da seguinte forma: os protagonistas, o personagem principal, o herói da história que é superior por ter características importantes e os acontecimentos giram em torno de si; o anti-herói, que também se assemelha a estas descrições, porém de maneira inferior, visto que provoca tensão no enredo e desafios para o herói de qualquer forma. Pode-se afirmar que o anti-herói está próximo a narrativa do herói, embora tenha menos competência para derrotá-lo. Portanto, o personagem antagonista é aquele que se opõe ao protagonista, ou seja, sua ação pode atrapalhar seus objetivos no decorrer da história uma vez que é o principal adversário do protagonista na trama.

Segundo Gancho (2003, p. 27-28), quanto aos personagens secundários, podemos dizer que estes têm uma função de figurante para a história. Quanto à caracterização dos personagens na narrativa, temos os personagens planos, que são personagens definidos como menos importantes para a história, eles tendem a ter uma pequena participação, e podem desempenhar um papel de ajudar o protagonista ou o antagonista. Esse tipo de personagem é reconhecido por ter típicas variáveis, desde uma jornalista ou até mesmo um estudante.

Já os personagens redondos, observa a autora, são mais relevantes do que os planos, ou seja, apresentam uma variedade maior de características, as quais podem ser classificadas como: físicas, que contêm corpo, gestos, voz ou roupa. As

psicológicas, que abrangem a personalidade e os estados espirituais. Os sociais, que sugerem uma profissão ou classe social. As ideológicas, que se opõem ao modo de pensamento dos personagens, suas opiniões políticas e até mesmo sua religião. Por último, não mais importante, são os morais, os quais introduzem o julgamento, a fim de saber se o personagem é bom ou mau, se ele é moral ou imoral, honesto ou desonesto, o que vai de acordo com o ponto de vista. (Gancho, 2003, p.26)

Quanto ao tempo, Gancho (2003) afirma que este pode ser fictício, isto é, interno ao texto, entranhado no enredo. Os fatos de um enredo estão ligados ao tempo em relação à época em que se passa a história e à duração da história. Ainda segundo a autora, vimos que na narrativa este pode ser cronológico, quando é linear, ou psicológico, quando não segue a ordem natural dos acontecimentos, utilizando-se da técnica do *flashback*.

Esta autora se refere ao espaço como o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação querendo influenciar suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens. Vale destacar que o termo espaço, segundo Gancho (2003), dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico, deve-se empregar o termo ambiente. Uma vez que o objeto desse estudo se refere a uma narrativa voltada para o público infantil, vejamos a seguir alguns traços específicos desse gênero que precisam ser do conhecimento de professores em geral.

### 1.1 A narrativa para crianças e jovens: algumas especificidades

Dentre os elementos apontados por Cunha (2003) como responsáveis por despertar o interesse das crianças pela narrativa está a movimentação. O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio de ação da história: “Em geral, elas interrompem o caso, e o resultado não será o desejado pelo autor”. É o que nos lembra Monteiro Lobato: ‘as narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário’, como também afirma Cunha (2003, p. 98) segundo a qual, “sem nenhum efeito literário”, a narração se torna mais agradável ao espírito infantil.”

Com relação às falas e aos pensamentos das personagens, Cunha (2003, p.

98) acredita que a melhor apresentação é através do discurso direto:

O diálogo, predominantemente no conto em geral, torna-se mais necessário ainda para crianças: ele atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador. Por tudo isso, se bem feito, numa linguagem realmente oral e adequada às características da personagem e à situação, o diálogo dá um grande realismo à cena.

Sobre o dinamismo necessário numa narrativa infantil, vale a pena trazer ainda o que diz Cunha (2003, p. 77):

Movimento tem uma história para as crianças que será forçosamente diferente do que uma narrativa para adultos. É claro que a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos de televisão e do cinema, mas nesses, a imagem e outros processos ajudam a criança a perceber facilmente mudanças mais complexas de planos narrativos. Por isso, vários processos usados no romance para todos não podem ser empregados numa obra infantil, sob pena de tornar a narrativa inacessível à criança.

As questões relativas às personagens são também muito importantes, observa a autora: o número, o aparecimento, as oposições entre as personagens, suas características, são pontos importantes a considerar, dentro do conjunto da obra. Quanto à classificação, as personagens serão frequentemente planas, sem grande complexidade.

O desenvolvimento de uma história para crianças será diferente do de uma narrativa para adultos, ressalta Cunha (2003, p. 98 e 99):

[...]Desse modo, se faz importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (*flash-back*) ou a cenas paralelas, sem "fluxos de consciência". Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante.

Vale ressaltar ainda o pensamento da autora em relação a necessidade de que a história apresenta um desfecho feliz. Os personagens podem até enfrentar problemas, mas no final tudo deve ficar bem, até porque se para os adultos lidar com desfecho é difícil, para uma criança torna-se ainda pior, já que até mesmo os jovens são seres muito emocionalmente sensibilizados e qualquer fato desagradável pode atingir seu psicológico.

Nesse sentido, Cunha (2003, p 77) afirma:

Se o adulto é capaz de ler um livro ou ver um filme que acabe mal, sem deixar apreciar o livro ou filme, pelo aspecto pluralmente artístico, ou pela realidade da vida neles apresentada, tal não se pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a feriria inutilmente.

Não podemos esquecer de que a presença da Literatura Infantil se faz necessária especialmente na escola tendo em vista a formação do leitor literário. Logo, a narrativa a ser explorada em sala de aula deve estar a serviço desse objetivo, atuando junto ao desenvolvimento da sensibilidade do leitor inicial. Nesta perspectiva, a leitura assume um papel decisivo e indispensável no contexto de ensino, detendo, assim, um papel social de extrema importância. Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de ela tornar-se um adulto leitor. Para tanto, se faz necessário pensar a abordagem do texto literário em sala de aula, a começar pela forma de como se realiza a leitura no ambiente escolar, afinal, também não podemos esquecer o fato de que a Literatura é um caminho muito rico para o desenvolvimento da imaginação.

Partindo dessa constatação, Abramovich (2008, p. 16-17) nos lembra que para contar uma história é preciso saber como se faz, observe:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais[...].

Identificamos através das palavras da autora uma possibilidade, um caminho de abordagem simples e necessário: o da leitura de narrativas em sala de aula, uma vez que a criança já chega na escola com a experiência da contação oral de histórias que já ouvia desde a barriga da mãe, se prolonga com a experiência das cantigas de roda e pode ser uma constante em sala de aula por meio das histórias lidas e ouvidas, afinal, a contação de histórias precisa integrar as atividades de leitura em sala de aula. Ler, portanto, se faz uma necessidade inclusive em tempos dominados pela tecnologia, podendo ser a leitura uma atividade de prazer e descoberta para as crianças em formação.

A respeito do ato de ler, trazemos à tona o depoimento de Abramovich (1989,

p. 10) quando declara: “ler, para mim, sempre significou abrir todas as portas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens.(...)”. O desfecho de cada história contada faz com que as curiosidades das crianças sejam provocadas, questionando a história que foi abordada, tendo dúvidas sobre si e o mundo ao seu redor. Quanto mais o fato de existir argumento para a criança responder aos desafios comoventes, mais segura de si ela ficará, quanto melhor a visão de mundo, melhor serão suas emoções e descobertas.

Também não podemos perder de vista o que diz a autora acerca dos livros ou contos infantis: eles funcionam como uma junção entre a realidade e o imaginário da criança. Através das histórias, esta vai percebendo os diferentes pontos de vista, ampliando sua compreensão de tempo e espaço e seu desenvolvimento, vocabulários e reflexão e seu lado crítico, dado que é na leitura que a criança e até mesmo os jovens podem pensar, duvidar, perguntar e ao mesmo tempo pode se contradizer.

A autora chama a atenção ainda para a necessidade do professor, enquanto contador de uma história e, portanto, um narrador, ler antecipadamente o texto, observe: “leia antecipadamente o texto, dessa forma, é necessário: [...] ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emocionam ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte.” (Abramovich, 1989, p. 20).

Compreendemos que o livro não se encerra quando está lacrado ou fechado, por esse motivo, é fundamental deixar que crianças e jovens possam vivenciar essa expectativa no ato de ler, desde cedo, conforme destaca Abramovich (1989, p. 17):

A propósito que desde cedo à criança possa atingir seus hábitos de leitura para toda a sua vida, deve ser começado na sua infância, na educação infantil, por isso a escola também precisa oferecer espaços adequados e que despertem na criança o gosto pela leitura, oferecendo livros diversos, ambiente aconchegante, fantoches, brinquedos que possam ser usados na contação de histórias.

A autora nos lembra ainda que a literatura é arte e expressão humana diante da realidade e do mundo, trabalhando a grandeza do sonho, da fantasia, da utopia, enquanto um sentimento que pulsa, cria e recria formas de ser e de sobreviver, ela também é crítica e aponta os momentos importantes da nossa história. Observe:

Qualquer história pode ser contada,[...] desde que ela seja bem conhecida pelo contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição...o critério é do narrador... e o que pode se suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças [...] (Abramovich, 1997, p. 20).

Ainda seguindo a linha de pensamento dessa autora, quando afirma que devemos escolher o melhor para nossas crianças, aquele livro que faz fortalecer ideias ou que proponha condutas que possam semelhar-se socialmente, encaminhando ao conhecimento sócio histórico-cultural, reiterando, desse modo, a afirmação de Aguiar (2001, 18), quando declara:

Através da leitura, ela vê representado no texto, simbolicamente, conflitos que enfrentam no dia-a-dia e encontra soluções porque a história traz um final feliz. Em outras palavras, o conto de fadas da infância traz a certeza de que os problemas existem, mas que podem ser resolvidos.

Diante de tudo que afirmamos em torno da importância da narrativa para a infância, podemos acrescentar ainda que toda e qualquer história tende a agradar a criança quando o autor se dispõe a se colocar no lugar do leitor e entender sua visão de mundo através dos olhos dos seus pequenos leitores, ou seja, trazendo em suas histórias os interesses e as experiências da infância.

## 2 SOBRE A OBRA DE RUTH ROCHA

Objetivamos, neste tópico, apresentar a escritora Ruth Rocha bem como tecer algumas considerações em torno de sua obra, além de destacar a importância da leitura de seus livros para a formação do leitor do texto literário.

De acordo com informações colhidas de sua biografia no site virtual da autora, vimos que Ruth Machado Lousada Rocha, nasceu em São Paulo, no dia 2 de março de 1931. Filha do médico Álvaro de Faria Machado e de Esther de Sampaio Machado, desde pequena mostrou interesse pela leitura. (Ebiografia, 2023) Ruth é graduada em Ciências Sociais e tem diversos títulos acadêmicos na área, trabalhou durante anos como orientadora pedagógica e em 1967 participou da criação da revista *Recreio*, da Editora Abril, na qual fez a publicação de suas primeiras histórias (Ebiografia, 2023). Está no mercado há mais de 35 anos, já teve mais de 130 títulos publicados no Brasil e no mundo, tendo suas obras traduzidas para mais de 25 idiomas. Com histórias sempre bem-humoradas e cheias de criatividade, apesar do tempo, permanecem bem atuais e provocativas em linguagem atrativa e clara, convidando o leitor a participar dos questionamentos sociais da escritora.

Segundo a própria Ruth Rocha, seus textos fazem com que as crianças questionem o mundo e a si mesmas e ensinam os adultos a ouvirem o que elas dizem ou estão tentando dizer. O que seus livros revelam é o profundo respeito e o infinito amor da autora pela infância, como ela mesma diz num de seus belos poemas, “toda criança do mundo mora no meu coração”. (Rocha, 2024)

Seu primeiro livro só foi publicado em 1976, quando a autora já tinha 45 anos de idade. O livro se chamava *Palavras, Muitas Palavras*, que teve a influência de Monteiro Lobato. Em uma entrevista para a Alpha FM (2021), Ruth Rocha comenta como começou a escrever, além de revelar que sua grande inspiração foi e é até hoje Monteiro Lobato: "Eu tinha um avô que era contador de histórias e eu ficava encantada com aquilo, então tenho certeza que me influenciou. Ele também me fez gostar da leitura do Lobato. Eu lia muito os livros do Monteiro Lobato e gostava muito", conta.

A ficção "Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias" (1999) da Editora Salamandra, é traduzida em 25 idiomas e Ruth Rocha já vendeu mais de 40 milhões de livros no Brasil e no exterior. (Folha de Pernambuco).

A escritora já ganhou diversos prêmios pelo seu fascinante trabalho, dentre os quais destacamos o Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura para

crianças – o mais importante da literatura infantil mundial. Vale a pena mencionar também que a autora já foi convidada duas vezes pela ONU - uma para publicar a versão infantil da Declaração dos Direitos Humanos, intitulada *Iguais e Livres* e outra para assinar a declaração sobre ecologia para crianças *Azul e Lindo – Planeta Terra, Nossa Casa* (1990). Desde 25 de outubro de 2007 é membro da Academia Paulista de Letras, dona de tantas obras significativas que cativam e estimulam a reflexão e a criatividade das crianças.

A autora costuma afirmar que gosta de Monteiro Lobato e que começou a lê-lo muito cedo, porém, gosta do Lobato criador de “*Emília*” (1936) e não do Lobato das *Mil Mortes de Urupês* (1918), declara a escritora em entrevista da CNN Brasil (2021):

Eu acho que o escritor é a união de tudo o que ele leu. A gente não se inspira em um livro, mas sim no estilo, nos truques, nas coisas que os autores fazem. Monteiro Lobato foi uma influência enorme na minha vida. Ele tem uma preocupação social muito importante, um feminismo latente, porque ele coloca as mulheres como as personagens mais inteligentes.

O fato é que não podemos discutir a literatura infantil sem destacar a importância que teve essa autora no contexto da produção literária brasileira. Além da narrativa estudada neste trabalho, destacamos ainda títulos como *O Reizinho Mandão* (1973), *Romeu e Julieta* (1977), *Quem tem medo de Quê?* (2003), *A menina que aprendeu a voar* (1998), entre outros. Através das obras de Ruth Rocha, a criança pode ser capaz de adquirir atitudes crítico-reflexivas, relevantes para sua formação intelectual. Quando a criança ouve ou lê uma história e é capaz de comentar, questionar, duvidar ou discutir sobre isso, ela também desenvolve o senso crítico, a partir da leitura.

Segundo Abramovich (1989), é fundamental levar em consideração que a leitura literária é necessária para revelar diferentes visões de mundo; sendo um caminho para ampliar o universo cultural das crianças, porque permite entrar em contato com momentos desconhecidos e descobrir o mundo de fantasia.

Seus livros conduzem além dos muros das escolas, dialogando de perto com os jovens leitores, que se identificam com sua linguagem e com temas do cotidiano familiar, assuntos que a escola aborda. Nos seus livros, a crítica social e política é contundente, talvez devido a sua formação como socióloga. A receptividade de seus

textos justificam o reconhecimento dos vários prêmios que a autora já recebeu e vem recebendo, além de participações em eventos dentro e fora do Brasil.

A postura crítica da autora expõe mais evidente na presença da narrativa, conforme observa Silva (2009, p.184-185):

Considerando o conjunto de sua obra, podemos discernir basicamente dois eixos sobre os quais se assentam todas suas histórias: o eixo da coletividade e o da individualidade, considerados sempre a partir de uma perspectiva avaliadora e crítica. O eixo da coletividade move-se em duas direções opostas: uma aqui se volta para o passado, buscando a exemplaridade na manutenção da nossa herança cultural.[...] assumem um valor ético de modo a seguir que contrata com a realidade. [...] As relações autoritárias parecem tanto no palco político como no interpessoal. [...] A opressão não acontece, porém, somente no plano das relações políticas e sociais. Ela se evidencia, de modo muito nítido na dominação machista que rege as relações em nossa sociedade distribuindo papéis definidos entre homens e mulheres.

O segundo eixo temático da obra de Ruth Rocha é justificado por Silva (2009, p. 186) da seguinte maneira:

A questão da individualidade, constitui o segundo eixo temático da obra de Ruth Rocha, é tratada em livros que registram vivências infantis, como o ludismo da linguagem; a mentira; o impacto de descobrir que Papai Noel não existe; a teimosia e a birra; o preconceito dos grupos de brincadeiras rivais entre si; o egoísmo; a insegurança que leva à imitação. Só temos que agir em torno da afirmação da individualidade da criança.

Um aspecto que se destaca, além dos apontados das distinções entre as narrativas infantis e juvenis de Ruth Rocha são: o aproveitamento do espaço metalinguístico, a metalinguagem, ou a linguagem sobre a linguagem, o qual consiste na autocontemplação que o próprio texto diz acerca do mesmo texto, trazendo a reflexão sobre o realizar literário, a respeito de um comportamento crítico, assim, gerando uma predominância na obra da autora. Pode-se ser vista em inúmeras de suas narrativas, durante uma linha crítica dentro do texto, sendo as ações e reações dos personagens em frente dos fatos que acontecem, a crítica e a metalinguística agem fora dos textos, desta forma, quando essas duas linhas se juntam com forças, são contraditórias. A linha temática cria histórias de efetividade, efeito único esse da autora, que convida o leitor a entrar na história, participar do seu lado ficcional assumindo a fantasia da forma que seja verdadeira (Silva, 2009).

A obra *Marcelo, marmelo, martelo* (1999) inicia uma questão linguística de formação das palavras, com dúvidas bem persistentes pelo personagem principal, acerca de uma realidade linguística incompreendida pelos pais do menino. Levantar a questão da formação da palavra e o significado dela constitui um dos temas da obra.

Contudo, o enredo desse livro não se resume apenas a isto. Em *Marcelo, marmelo, martelo*, Ruth Rocha, através do seu protagonista – Marcelo, acaba evidenciando o universo lúdico da criança, por meio da criação de novas palavras, conduzindo o leitor ao imaginário que marca a narrativa dessa autora. O personagem, vivendo no espaço urbano, enfrenta e resolve seus impasses com esperteza e vivacidade, manifestando, assim, o caráter otimista que deve conter a narrativa infantil. O texto lúdico e divertido dessa autora despertou o desejo e o interesse de elaborar uma proposta de trabalho a partir da obra em sala de aula, a qual será apresentada a seguir, depois de uma breve análise do seu enredo.

### 3 RUTH ROCHA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência leitora com alunos da educação infantil a partir da narrativa *Marcelo, marmelo, martelo*

Conforme já enunciamos, este tópico do trabalho objetiva a realização de uma análise temática da narrativa *Marcelo, marmelo, martelo* (1999) para, num segundo momento, apresentar uma proposta de abordagem da obra voltada para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esperamos, dessa forma, ampliar as possibilidades de trabalho com o texto literário em sala de aula, mais especificamente a narrativa.

Publicado inicialmente em 1976, o livro põe em destaque as inquietações de um menino da cidade que começa a questionar o nome das coisas. Trata-se de uma narrativa com narrador em terceira pessoa, com poucas ilustrações e conduzida por meio de diálogos, que começa quando certo dia Marcelo pergunta:

- Papai, por que é que mesa chama a mesa?
- Ah, Marcelo, vem do latim.
- Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?
- Não, Marcelo, latim é uma língua muito antiga.
- E por que que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, e na parede nome de bacalhau?
- Ai, meu Deus, este menino me deixa louco! (ROCHA, 1999, p.7)

Mas Marcelo não quer saber de fatos, e sim, o *porquê* dos nomes. Até então, no ponto de vista de Marcelo, ele está correto, não existe lógica para que os objetos tenham o nome que tem, afinal, sabemos que as palavras são arbitrárias. E resolvendo o problema, Marcelo começa a chamar as coisas pelo nome que elas realmente deveriam ter. Demonstrando entender os sufixos e prefixos, ele passa a chamar a palavra cadeira, “que é uma palavra que não diz nada”, de “sentador”, a colher passa a se chamar “mexedor” e o cachorro se chama “Latildo”, conforme podemos observar no fragmento a seguir:

E Marcelo continuou pensando: “Pois é, está tudo errado! Bola é bola porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nomes mais apropriados. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim. (ROCHA, 1999,

p.13)

No final da história acontece um acidente: a casa de Latildo, a qual Marcelo chama de “moradouro”, pega fogo e quando ele tenta alertar aos pais, estes não entendem nada do que ele diz:

Marcelo entrou em casa correndo:

— Papai, papai, embrozou a moradeira do Latildo!

— O quê, menino? Não estou entendendo nada!

— A moradeira, papai, embrasou....

— Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

— Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada...

Quando Seu João chegou a entender o que Marcelo estava falando, já era tarde. A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas. O Godofredo gania baixinho... E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

— Gente grande não entende nada de nada, mesmo! (ROCHA,1999,p.20 e 21)

Quando finalmente percebem o que o menino está dizendo é tarde demais e a casa está perdida. A partir disso os pais começam a falar como Marcelo. Se a língua é uma convenção e todos devem concordar com o significado, eles vão aprender como o filho fala para que eles possam se comunicar, "E agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem. O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força para entender o que ele fala. E nem estão se incomodando com que as visitas pensam... " (ROCHA, 1999, p.23).

O desejo de Marcelo não é criar palavras incoerentes, mas sim dar um sentido mais compreensível, acabando por criar, no vocabulário dele, palavras que o fazem entender melhor o mundo em que vive. Além disso, acreditamos que a criatividade do personagem põe em evidência o caráter criativo típico da infância e demonstra o gosto que as crianças têm pelos jogos de palavras, aspecto que reflete a leveza e o ludismo da linguagem da narrativa de Ruth Rocha, demonstrando o quanto a autora conhece essa fase do desenvolvimento humano. Enfim, o universo infantil se distancia bastante do adulto. É o que evidencia o texto de Ruth Rocha.

Vale reiterar que a autora se dirige à criança numa linguagem clara, cheia de imaginação e criatividade, deixando explícita a ideia de que deve existir cumplicidade

entre o adulto e a criança, conforme observa Silva (2009, p. 184):

Acreditamos que boa parte da empatia, quase magia, que o texto dessa autora estabelece com o leitor, estabelecendo, por isso mesmo, um clima de cumplicidade entre o narrador e o ouvinte. Em segundo lugar, no olhar crítico com que a autora analisa e descreve situações e personagens, convidando o leitor a, ele mesmo também, analisar, criticar, julgar os fatos, numa postura mudancista, que rejeita o estabelecido e aposta no novo.

A leveza da linguagem certamente cativa o leitor de uma história conduzida por um narrador observador e onisciente, que acompanha as aventuras e descobertas de Marcelo, mas sem interferir diretamente em sua experiência, o que contribui para o diálogo direto com o público infantil, alvo da narrativa. Assim, sua linguagem simples contribui não somente para que um adulto saiba como falar com a criança, mas para que a própria criança entenda por si mesma.

Podemos caracterizar Marcelo como um menino criativo que vivia fazendo perguntas sobre as coisas para todo mundo e, nesse aspecto, ele simboliza toda e qualquer criança curiosa, criativa e questionadora, índice da crítica que se configura em toda a obra da autora, que, ao final de quase toda narrativa costuma provocar o leitor, aguçando a sua imaginação:

Você gostou do fim da história?  
Se você fosse o autor,  
como é que você gostaria  
que a história acabasse?  
Por que é que você não escreve  
a história de um menino,  
ou de uma menina,  
que também inventou  
um jeito diferente de falar?  
Depois, mostre sua história  
à sua professora. (ROCHA, 1999, p. 24)

Como podemos observar, verificamos que o enredo termina em aberto e todo processo de construção da narrativa se dá a partir dos diálogos, aspecto que conforme vimos em Cunha (2003) cria o dinamismo tão necessário em narrativas voltadas para crianças. Trata-se de um texto bem realizado esteticamente, original e coerente que merece um aproveitamento em sala de aula. Desse modo, entendemos que qualquer

proposta de trabalho que venha a ser desenvolvida em narrativas como esta, deve-se levar em consideração o lúdico presente na obra, suscitando, assim, a fantasia infantil, ou seja, aguçando a sua imaginação. Partindo desse entendimento, lançamos a seguir uma proposta de abordagem direcionada aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, visando proporcionar à criança uma entrada na obra da autora.

### **3.1 Proposta de vivência leitora a ser realizada com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental**

#### **3.1.1 Primeiro momento: a pré-leitura**

Objetivando criar expectativas perante a turma para a leitura de *Marcelo, marmelo, martelo* (1999), pensamos que num primeiro momento o professor pode destacar o título da narrativa e perguntar aos alunos: sobre o que acham que trata uma história com esse título? E essas palavras, vocês conhecem, o que significam para vocês? Anotar no quadro as respostas dos alunos, tendo em vista o aproveitamento das mesmas no momento seguinte.

#### **3.1.2 Segundo momento: a leitura do livro começa pela capa**

Dando prosseguimento ao momento anterior, o professor, depois de anotar no quadro alguns sentidos indicados pelos alunos para as palavras que nomeiam o livro de Ruth Rocha, sugere que a turma reflita a relação das palavras com a capa do livro, questionando: O que tem a ver essas palavras com a capa do livro? De que maneira essas palavras se relacionam com o personagem que aparece na capa do livro? Vamos ler essa história e verificar alguma relação entre as expectativas que levantamos?

Depois de escutar os alunos sobre as perguntas lançadas acima, o professor passa a ler a narrativa para as crianças, as quais devem prestar atenção se alguma das sugestões apontadas por elas ocorre na história, acerca dos significados das palavras que a intitula o livro. Ou seja, a ideia é perceber a relação entre o que os alunos sugeriram com o que é narrado no livro. Enfim, perceber se elas têm alguma pista do que acontecerá na história ao tempo em que o professor realiza a leitura oral do livro.

Antes de começar a leitura, o professor informa para as crianças quem é a autora da história, quem fez a ilustração do livro e mostrar para elas a capa,

apresentando os elementos expostos nela, com foco na antecipação da narrativa, uma vez que, mostrando a partir da capa, elas vão compreendendo que esta faz parte do processo de leitura do livro. Ou seja, a atividade de leitura já se inicia com a leitura da capa.

### 3.1.3 Terceiro momento: a pós-leitura

Concluída a leitura da narrativa pelo professor, este pode realizar uma roda de conversa com a turma, apreciando a história a partir de perguntas como: O que acharam da história, gostaram? Destaque um momento com o qual tenha gostado ou se identificado. O professor também pode relacionar as hipóteses anteriormente levantadas no momento da pré-leitura.

Na tentativa de explorar o comportamento crítico das crianças, o professor pode lançar mão de perguntas relacionadas ao comportamento do protagonista da obra: o que acham das novas palavras criadas por Marcelo? Alguém já viveu alguma experiência parecida com a de Marcelo? Se fôssemos mudar algumas palavras do nosso ambiente, quais vocês sugerem? Em relação ao final da história, se vocês fossem convocados a criar um outro fim, como seria? Vamos produzir?

### 3.1.4 Quarto momento: explorando o lúdico por meio da escrita e da criatividade

Para a realização deste momento, o professor pode separar previamente, inclusive com a ajuda dos alunos, suportes variados como papelão, cartolina, papel cartão e sulfite, de preferência com diversidade de cores, espessuras e cortados em diferentes formas. As possibilidades expressivas ficarão mais ricas com alguma diversidade de giz, lápis de cor, lápis grafite, canetinhas hidrocor, giz de quadro, conforme formos usando o material disponível na escola.

Após isso, o professor deve organizar os materiais sobre uma mesa, de modo que as crianças possam selecionar seus próprios materiais para elaboração de seu desenho. A proposta de desenhar livremente assegura a liberdade de expressão das crianças, suas preferências também são garantidas quando elas escolhem pessoalmente os suportes e materiais de desenho para suas produções.

Em seguida, pedir para que selecionem da mesa o que querem usar em suas criações, caso elas precisem de algo mais durante o desenho, podem ir buscar ou trocar os materiais entre os colegas da turma. Assim, o professor pode sugerir às

crianças que criem um novo final para a história, recontando de maneira divertida e inusitada esse fim. Em seguida as crianças devem ilustrar esse final, deixando fluir a imaginação e a criatividade de cada um.

Dessa modo, usar a narrativa em sala de aula traz benefícios aos professores como também para a crianças que estão começando seu papel na leitura, oferecer fórmulas criativas para estimular a criança a conhecer o mundo dos livros é incondicional para um papel do professor , quando a criança interage com mundo narrativo, assim ela prolonga a sua visão animista do mundo, que claramente já existe, a partir daí se torna o seu refúgio, sua proteção contra os esforços educacionais que os pais põem, por conseguinte se distrai quando está aborrecido. Não há medo quando a criança sonhar de brincar, de encontrar na literatura uma forma de escapar dos seus medos, em que momento tem esse incentivo à leitura, ela experimenta forças novas, exercita sua mente, prática sua imaginação, dessa maneira a HELD (1980,p.53), refere como é funcional alimentar a criança com as narrativas para logo servir de ponto de partida para sua criação adulta, portando, "como dizemos a todo momento, da criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da relação real- imaginário. É fortalecer-lhe não apenas [...] Materiais para construção de sua brincadeira e para invenção de regras internas dessa brincadeira, mas também materiais para suas construções de histórias". Acreditamos num absorvimento cultural, proporcionando à criança uma leitura variada, divertida, tornando-se uma pedagogia do imaginário.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de sugerir uma proposta de abordagem a partir da narrativa de Ruth Rocha para a sala em sala vem suprir inicialmente uma lacuna na escola que é a leitura de obras literárias de autores que se voltam exclusivamente para o público infantil. Tal afirmação soa contraditória, mas sabemos que a leitura de textos literários nesse contexto ainda é pouco vivenciada, limitando-se apenas ao que propõe o livro didático, realidade que justifica a realização de trabalhos como o que ora apresentamos.

Objetivamos inicialmente a análise da narrativa de Ruth Rocha, sem deixar de refletir sobre as especificidades da narrativa infantil, para, em seguida, propor uma abordagem que se propõe a explorar o lúdico e a criatividade das crianças após o contato com a leitura da obra. Esta dialoga com o seu leitor, conforme vimos através da análise de Marcelo, protagonista da história da autora que se comporta de maneira criativa e questionadora, provocando os leitores a refletirem sobre o caráter convencional da língua. Nesse sentido, podemos afirmar que a leitura da obra tende a expandir os horizontes de expectativas das crianças em contato com a narrativa, ampliando, assim, sua experiência de mundo.

Ao acostumar a criança a ler, conseqüentemente ela irá perpetuar o ato da leitura. Para tanto, o professor precisa ser um leitor que tenha formação para mediar a leitura, especialmente do texto literário. Sua experiência leitora pode favorecer a prática de leitura dos alunos, tornando-se um requisito necessário para o desenvolvimento dessa atividade de ensino. E leitor do texto literário, reiteramos. Nesta perspectiva, pensar e planejar práticas adequadas de abordagem desse tipo de texto constitui uma necessidade urgente.

Seguindo o viés do trabalho sugerido a partir da narrativa de Ruth Rocha, o professor pode partir para outras abordagens em prol do lúdico em sala de aula, valorizando as especificidades de cada texto, comparando, propondo atividades de caráter interdisciplinar, buscando outros suportes, inclusive o tecnológico, e construindo possibilidades que aproximem o texto da experiência dos alunos, construindo uma prática dialógica e, portanto, interativa, tornando a leitura uma atividade de prazer e cidadania.

Enfim, o professor deve ter consciência e convicção da necessidade e do

prazer de contar histórias para a criança e, dessa forma, fazê-la enxergar o mundo através da imaginação que povoa as histórias infantis, conduzindo-as ao enfrentamento dos seus medos e preocupações, afinal, por meio delas os pequenos podem conhecer e viver importantes emoções e sentir profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Dessa modo, usar a narrativa em sala de aula traz benefícios aos professores como também para a crianças que estão começando seu papel na leitura, oferecer fórmulas criativas para estimular a criança a conhecer o mundo dos livros é incodissional para um papel do professor , quando a criança interage com mundo narrativo, assim ela prolonga a sua visão animista do mundo, que claramente já existe, a partir daí se torna o seu refúgio, sua proteção contra os esforços educacionais que os pais põem, por conseguinte se distrai quando está aborrecido. Não há medo quando a criança sonhar de brincar, de encontrar na literatura uma forma de escapar dos seus medos, em que momento tem esse incentivo à leitura, ela experimenta forças novas, exercita sua mente, prática sua imaginação, dessa maneira a HELD (1980,p.53), refere como é funcional alimentar a criança com as narrativas para logo servir de ponto de partida para sua criação adulta, portando, "como dizemos a todo momento, da criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da relação real-imaginário. É fortalecer-lhe não apenas [...] Materiais para construção de sua brincadeira e para invenção de regras internas dessa brincadeira, mas também materiais para suas construções de histórias". Acreditamos num absorvimento cultural, proporcionando à criança uma leitura variada, divertida, tornando-se uma pedagogia do imaginário.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993;

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997;

A carreira de 52 anos de Ruth Rocha na literatura infantojuvenil. Alpha FM, 2021. Disponível em: <https://alphafm.com.br/geral/a-carreira-de-52-anos-de-ruth-rocha-na-literatura-infantojuvenil/>. Acesso em: 20 de Março de 2024.

Biografia de Ruth Rocha. Ebiografia, 2023. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/ruth\\_rocha/#:~:text=Foi%20eleita%20para%20a%20cadeira,pequena%20mostrou%20interesse%20pela%20leitura](https://www.ebiografia.com/ruth_rocha/#:~:text=Foi%20eleita%20para%20a%20cadeira,pequena%20mostrou%20interesse%20pela%20leitura). Acesso em: 20 de março de 2024.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARLETO, Eliana Aparecida. **Literatura Infantil como experiência de formação: um estudo com obras de Ruth Rocha**. Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13681/1/LiteraturaInfantilExperiencia.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2024.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo; Ática, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FONSECA, João Jose Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GANCHO, Vilares Cândida. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, Ed.7, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e**

histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e Histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática.2007.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**.

ROCHA, Ruth. Biografia Ruth Rocha. Disponível em:  
<https://www.ruthrocha.com.br/biografia>. Acesso em: 12 de março de 2024.

ROCHA, Ruth. **A Primavera da Lagarta**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

ROCHA, R. ROTH, O. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1986.ROCHA, R. A família do Marcelo. São Paulo: Salamandra, 2012.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo: e outras histórias**. 47ª Ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Ruth. In: BASTOS, Dau (Org.). **Ana & Ruth: 25 anos de Literatura**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995f, p. 117- 126.

Ruth Rocha faz 90 anos: "**Ler é enxergar o mundo com outros olhos**". CNNBRASIL, 2021.São Paulo. Disponível em:  
<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ruth-rocha-faz-90-anos-ler-e-enxergar-o-mundo-com-outros-olhos/#:~:text=%E2%80%9CO%20que%20motivou%20na%20verdade,foi%20%E2%80%9CPalavras%2C%20muitas%20palavras>. Acesso em: 20 de Março de 2024.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil Brasileira: um guia para professores e promotores da leitura**. 2- ed. Goiânia : Cãnone Editorial, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro:Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. Ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Em busca da criança leitora**. In: NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystian Venâncio. Cecília Meireles: a poética da educação. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Loyola, 2001.\_\_\_\_\_. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global Editora, 2003.